

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA  
CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

**GABRIELA BRASIL MOKARIN**

**A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO  
MATERNO-INFANTIL A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA**

**BELO HORIZONTE  
2020**

Gabriela Brasil Mokarin

**A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO  
MATERNO-INFANTIL A PARTIR DA GESTALT-TERAPIA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador(a): Prof. Dra. Claudia Lins Cardoso.

BELO HORIZONTE  
2020

150	Mokarin, Gabriela Brasil.
M716i	A importância da construção do vínculo materno-infantil a partir da gestalt-terapia [recurso eletrônico] / Gabriela Brasil Mokarin. - 2020.
2020	1 recurso online (30 f. ) : pdf Orientadora: Cláudia Lins Cardoso.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Mães e filho. 2.Gestalt-terapia. 3.Afeto (Psicologia). I. Cardoso, Cláudia Lins. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE  
EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DO VÍNCULO MATERNO-INFANTIL A PARTIR DA GESTALT-  
TERAPIA

**GABRIELA BRASIL MOKARIN**

monografia defendida e aprovada, no dia **vinte e oito de outubro de 2020**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Claudia Lins Cardoso Orientadora

FAFICH/UFMG

Telma Fulgêncio Colares da Cunha Melo

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 06 de julho de 2022.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 06/07/2022, às 09:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 08/07/2022, às 10:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0ps://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0ps://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1575311** e o código CRC **72682476**.

---

“Depois que um corpo  
comporta outro corpo  
nenhum coração suporta  
o pouco.”

Alice Ruiz

## RESUMO

O presente trabalho procurou investigar, através de uma revisão integrativa da literatura, como a relação materna-infantil impacta na construção de uma nova existência e na sua relação com o mundo a partir da perspectiva da abordagem gestáltica. Foram abordadas a maternidade na contemporaneidade, as novas configurações que ela suscita e a construção do vínculo materno-infantil, a partir da Teoria Organísmica, da Teoria de Campo e do conceito de contato. Foi possível perceber que a qualidade da relação mãe-bebê impacta significativamente na vida afetiva desse novo ser. Mãe e filho estão em contínuo movimento dentro de um campo que permite a satisfação das necessidades de ambos de forma saudável, ou a não-satisfação de forma suficiente, o que pode promover ajustamentos criativos que estarão presentes na maneira como esse novo ser se relaciona com o mundo e com as pessoas. É por meio desse encontro que o bebê vai se reconhecendo, reconhecendo o mundo e o outro, e a sua relação com sua mãe é o alicerce que estrutura a sua base psíquica e relacional.

**Palavras chaves:** Relação materno-infantil. Vínculo afetivo. Gestalt-terapia.

## ABSTRACT

The present work sought to investigate, through an integrative literature review, how the mother-child relationship impacts the construction of a new existence and its relationship with the world from the perspective of the gestalt approach. Contemporary motherhood, the new configurations that it raises and the construction of the mother-child bond were approached, based on the Organismic Theory, the Field Theory and the concept of contact. It was possible to notice that the quality of the mother-baby relationship significantly impacts the affective life of this new human being. Mother and son are in continuous movement within a field that allows the satisfaction of both their needs in a healthy way or not, which can promote creative adjustments that will be present in the way this new being relates to the world and with people. It is through this encounter that the baby recognizes itself, recognizes the world and the other. The relationship with its mother is the foundation that structures its psychic and relational basis.

**Key words:** Mother-infant relationship. Affective bond. Gestalt-therapy.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 MATERNIDADE.....</b>	<b>8</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM GESTÁLTICA .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1 Teoria Organísmica.....</b>	<b>13</b>
<b>3.2 Teoria de Campo .....</b>	<b>14</b>
<b>3.3 Contato.....</b>	<b>15</b>
<b>4 O VÍNCULO MATERNO-INFANTIL .....</b>	<b>17</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O início da vida é marcado por uma relação de dependência absoluta para que um novo ser humano possa sobreviver. As informações sobre o mundo que aguarda o bebê começam a ser passadas quando ele ainda está no útero, e isso só é possível, porque ele e a mãe dividem o mesmo espaço corpóreo e, dessa forma, compartilham experiências vitais. Assim, no presente trabalho, pretende-se investigar como essa relação inicial e essencial impacta na construção dessa nova existência e da sua relação com o mundo a partir da perspectiva da abordagem gestáltica. Como ressalta Cardella (2009):

Os relacionamentos são os principais instrumentos de crescimento, pois nos apresentam o desconhecido em nós e nos outros; as relações significativas são verdadeiros portais para as vivências do sagrado, abrindo-nos para o sentido da existência, já que nos colocam face a face com o mistério (CARDELLA, 2009, p. 33).

A mãe ou a pessoa que assume esse papel precisa se doar de maneira intensa, o que exige disponibilidade e renúncias, portanto, este trabalho busca refletir também sobre a forma como as mulheres estão vivenciando a maternidade no mundo moderno. A palavra “mãe” não se refere exclusivamente a mães biológicas: o termo faz referência ao ato de maternar nas suas diversas formas e possibilidades, como é corroborado por Brandão (2019, p. 61): “O ato de ser mãe não é um atributo exclusivo da biologia, outrossim, é um imperativo do desejo de ser e de assumir a integralidade da função de maternar”. Portanto, iniciamos o próximo capítulo refletindo sobre a maternidade contemporânea. Vale ressaltar, também, que utilizaremos o termo “bebê” para se referir do período gestacional aos primeiros 12 meses após o nascimento, e “criança” para a fase subsequente.

Posteriormente, haverá a apresentação de aspectos teóricos importantes da Gestalt-terapia que permitem a compreensão da relação da mãe com o filho e da construção do vínculo afetivo, de acordo com a concepção de homem dessa abordagem. As teorias abordadas são as seguintes: a Teoria de Campo de Kurt Lewin (1965), a Teoria Organísmica de Kurt Goldstein (1995) e o conceito de contato. Através da revisão integrativa da literatura, no quarto capítulo, a relação materno-infantil é caracterizada abordando-se a sua importância na constituição e no desenvolvimento dessa nova vida.

Ao longo deste trabalho, refletiremos sobre a construção do vínculo afetivo, a relevância da maternidade e do período inicial de vida e sobre a forma como cuidamos da mãe e do bebê.

Nesse sentido, propomos que a dimensão afetiva é extremamente significativa para o desenvolvimento dos seres humanos.

## 2 MATERNIDADE

A maternidade corresponde a um momento existencial da vida da mulher que suscita novas configurações de vida. Esse período de transformação é permeado por muitas mudanças e possibilidades de reestruturação, no qual ela se vê envolvida em um novo enlace afetivo com uma demanda muito grande de prestação de cuidados e de privações em diversas áreas da sua vida. Além disso, o fato de desempenhar esse novo papel promove conflitos internos relacionados à identidade dessa nova mãe, que também é profissional, mulher, filha, esposa etc. A gravidez é um período em que a mulher está consolidando um novo papel: o de cuidar maternalmente de uma criança, o que não se configura como um acontecimento apenas biológico, e, sim, a partir de uma dinâmica sócio-histórica. A filósofa Badinter (1985) evidencia a evolução histórica da maternidade e esclarece que o instinto materno é uma construção:

Não encontramos nenhuma conduta universal e necessária da mãe. Ao contrário, constatamos a extrema variabilidade de seus sentimentos, segundo sua cultura, ambições ou frustrações. Como, então, não chegar à conclusão, mesmo que ela pareça cruel, de que o amor materno é apenas um sentimento e, como tal, essencialmente contingente? Esse sentimento pode existir ou não existir; ser e desaparecer. Mostrar-se forte ou frágil. Preferir um filho ou entregar-se a todos. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escapa ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É “adicional” (BADINTER, 1985, p. 365).

A maternidade, ainda hoje, é considerada como o destino de toda mulher. Nos anos 1960 a 1970, as mulheres passaram a controlar a sua fertilidade e a aspirar à liberdade e igualdade em relação aos homens, o que permitiu que diferentes possibilidades de vida se abrissem para elas, modificando significativamente a experiência da maternidade. Foram acrescentadas responsabilidades sobre a pessoa que optou por dar a vida, porém, a decisão de engravidar ainda é considerada como algo natural para as mulheres, um destino biológico, e elas, em algum momento da sua vida, se deparam com essa decisão: ter ou não ter filhos. Os desejos de olhar mais para si mesma, para sua carreira profissional e de viver uma vida com prazeres ganham destaque e podem entrar em conflito com a opção de ser mãe, como afirma a autora: “querendo ou não, a maternidade não é mais que um aspecto importante da identidade feminina, e não mais o fator necessário à obtenção do sentimento de realização do feminino” (BADINTER, 2011, p. 189).

Outras opções são possíveis e podem ser desejadas, além da maternidade, porém, o papel da mulher ainda é associado ao de mãe. Lemos e Kind (2017) abordam os imperativos que são atrelados à maternidade e afirmam que a decisão de engravidar torna-se quase que uma

imposição social. Espera-se que toda mulher seja mãe, porém não se pode ter filhos com qualquer idade, há um período em que isso é possível biologicamente, o que pode não coincidir com o desejo da mulher. Dessa forma, conflitos podem surgir, permeados pela dúvida de investimento na vida profissional ou na maternidade, por exemplo.

A maternidade contemporânea é cercada de expectativas e de imposições que rodeiam as mulheres por todos os lados, antes mesmo da concepção, constituindo modos mais legítimos e adequados de ser mãe. As prescrições delimitam como desempenhar bem o papel materno e apontam para a universalização e se esquecem do individual, das maternidades construídas e reconstruídas diariamente. Dois mundos ambivalentes emergem: o da maternidade ideal e o da maternidade vivida. Lemos e Kind (2017) ilustram os imperativos ao falar da construção da subjetividade:

A construção da subjetivação materna é acompanhada do imperativo da locução verbal “ter que”, com diferentes complementos: ter que engravidar, ter que amamentar, ter que brincar com os filhos, ter que ser ao mesmo tempo mulher, mãe, profissional e dona de casa. É preciso ainda corresponder ao ideal de mãe perfeita, dedicada, heroína, santa, que a cultura ajudou a construir (LE MOS; KIND, 2017, p. 15).

As imposições são coercivas e opressivas e se iniciam com o resultado positivo do exame de gravidez. Não se pode beber, nem fumar; é importante controlar o peso; seguir uma dieta; frequentar grupo de casais grávidos, curso de aleitamento materno e de cuidados com os bebês etc. Essas são algumas das convocações para a nova mãe. A mulher se sente chamada por essas prescrições em nome do amor pelo filho, tocada pelas suas expectativas e pelo desejo de se criar filhos desenvolvidos de forma psicológica, ética, intelectual, cultural, espiritual e social. A preocupação consigo mesma cede lugar para aquela com o filho. Badinter (2011) aborda a dívida infinita dos pais em relação aos filhos, pois é uma escolha daqueles e é costume destes afirmarem que eles não pediram para nascer; a responsabilidade é dos pais e, dessa maneira, abrem-se espaços para o sentimento de culpa e da crença de que, independentemente do que os pais façam, nunca será suficiente.

As mulheres dos séculos passados dedicavam-se exclusivamente às atividades domésticas e ao cuidado dos filhos; hoje, além de desempenharem essas atividades, muitas delas também estão inseridas no mercado de trabalho, o que reflete no acréscimo de funções. No discurso social sobre maternidade, não se fala sobre o esgotamento mental e físico, nem sobre os sentimentos de frustração, solidão e culpa. Ser mãe não garante satisfações e felicidades, pois há aquelas que vivenciam a maternidade de forma negativa, com grande sacrifício pessoal. Há o conflito entre as necessidades dos filhos e os seus desejos pessoais,

entre o individual e o que é para o outro. A criança concebida pode, em alguns momentos, mostrar-se como um obstáculo às conquistas individuais maternas. Badinter (2011) afirma:

Para elas, não se pode desejar ser uma boa mãe e, ao mesmo tempo, manter os compromissos pessoais. Elas não imaginam poder assumir a responsabilidade de um ou vários filhos sendo a professora, a artista, a médica, a executiva que elas desejam ser (BADINTER, 2011, p. 174-175).

As cobranças referentes à maternagem ditam que a mulher precisa dar conta de todas as funções e de todos os aspectos relacionados à maternidade sozinha e que elas devem ser felizes dessa forma. Há um conflito muito grande entre o esperado socialmente e a vivência de cada mulher com a sua própria maternidade. Há prescrições de toda ordem, inclusive de como se deve viver. Nossa sociedade está marcada pela produção, por relógios, pela urgência. Há pressa para tudo e queremos controlar todas as variáveis possíveis e também a natureza. No entanto, não somos exatos como os números, vivemos com o inesperado e com as possibilidades que dele emergem.

A maternidade e as configurações de família estão se transformando. Há famílias, por exemplo, que são monoparentais, homoafetivas ou famílias de recasamentos. Através dos avanços tecnológicos da reprodução assistida, novas maneiras de maternidade e de paternidade emergem. E há, também, diversas soluções encontradas para os cuidados das crianças, como: escolas integrais, avós que assumem o cuidado dos netos, vizinhas, babás etc. Nascem, portanto, novos arranjos familiares que se organizam dentro das suas possibilidades.

É muito comum que casais apaixonados vislumbrem os seus filhos, conversem sobre a criação deles e tentem imaginar com quem eles se parecerão. O desejo de se ter um filho pode surgir muito antes da concepção, pois cada pessoa se imagina ou não com filhos, carrega crenças e significados sobre parentalidade. A história de vida de cada um está diretamente relacionada com a escolha de ter ou não filhos, diz da sua própria experiência de ser filho, do tipo de cuidado parental que pode receber, do que imagina que pode oferecer e qual o sentido de se ter filhos. Uma criança pode representar muita coisa, e diversas expectativas são criadas para esse momento de vida, como uma gravidez ideal, um parto humanizado, um bebê que não chora, uma criança obediente e pais ideais e felizes. Quando nos referimos a indivíduos, é difícil pensar em modelos perfeitos e ideais, sem espaço para potencialidades e possibilidades. Dickesteins, Maldonado e Nahem (1985) ilustram com o seguinte trecho:

Em suma, de forma mais ou menos sutil, não admitimos que o filho que está por vir possa ser muito diferente do que gostaríamos que fosse, não somente deixamos pouco lugar para sua individualidade ou singularidade como também limitamos nossa

criatividade como pais e a liberdade de sentir o que é melhor ou mais adequado a cada momento da relação (DICKESTEINS; MALDONADO; NAHEM, 1985, p. 11).

Além de tudo isso, com a gravidez, o corpo feminino passa por inúmeras modificações para acolher e nutrir o bebê, a mulher e o homem se preparam para cuidar de um outro ser humano e a relação do casal também passa por uma nova configuração. Há muitos impactos na vida de ambos, o que pode gerar sentimentos ambivalentes, como: alegria e medo, o querer e a negação. As mudanças são muito profundas e significativas nessa fase, possibilitando o surgimento de sentimentos muito intensos e de formas variadas. A chegada de um filho, mesmo que desejada, nos faz lidar com o inesperado da vida, pois não conseguimos controlar todas as variáveis presentes nesse momento e, juntamente com o recém-nascido, há sempre a frustração de tudo o que foi idealizado e não aconteceu. Às vezes, o parto não foi como planejado, o bebê pode chorar muito ou não chorar. Não há regras.

A maternidade sempre será desconhecida e arriscada, a mulher passa a conduzir a sua vida de forma diferente e, com isso, as prioridades passam por uma reconfiguração também, pois o seu repertório comportamental não é mais suficiente para as novas vivências e para esse novo papel. Para cada uma será de uma forma, algumas encontrarão nessa experiência uma felicidade extrema, outras irão se deparar com um sacrifício muito grande; sentimentos contraditórios e ambivalentes estarão sempre presentes. A maternidade é construída de maneira plural, no dia a dia, no gestar e no cuidar dessa nova mulher.

A partir dos fatos mencionados, é possível perceber que a reflexão sobre como o vínculo mãe-bebê é construído se mostra de forma muito relevante para refletir sobre as formas como as maternidades são vividas, sobre o início da vida e sobre os afetos. A mãe e o bebê dividem o mesmo corpo por nove meses; ela abriga e gera, e ele vivencia as suas primeiras experiências vitais a partir dela. A mãe pode se dirigir ao filho em diferentes momentos durante a gravidez. Ela pode falar do seu dia, conversar com ele sobre os preparativos para a sua chegada, fazer carinho na barriga e, quando a mãe passa por uma situação estressora, os neuro-hormônios são recebidos pelo bebê através da corrente sanguínea e, dessa forma, o feto experimenta uma situação semelhante à da mãe.

### 3 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABORDAGEM GESTÁLTICA

A Gestalt-Terapia teve sua origem em 1951, com a publicação da obra “*Gestalt Therapy: Excitement and Growth in Human Personality*”, de Perls, Hefferline & Goodman, sendo o primeiro autor o principal mentor da abordagem, a qual surge com uma proposta diferente das teorias psicológicas disseminadas na época, que eram a psicanálise e o behaviorismo. Seus pressupostos filosóficos são baseados no Humanismo, na Fenomenologia e no Existencialismo. A abordagem gestáltica promove uma mudança de paradigma, principalmente, em relação à concepção de homem.

Para essa abordagem, o homem é um ser de possibilidades e livre para fazer escolhas. O seu destino está nas suas próprias mãos, pois ele se autodetermina e pode autodesenvolver suas potencialidades, dessa forma, ele não possui definição prévia, características estáticas e perenes. É um constante vir a ser, com permanentes atualizações do seu projeto de vida e de ser no mundo. O ser humano continua em desenvolvimento até o fim de sua vida. Cardoso (2013) afirma:

Apesar de nossa condição existencial se caracterizar por um contexto que também nos impõe limitações físicas, sociais, espaciais e temporais, estas não nos determinam, pois cada um de nós é resultado daquilo que escolheu para si, incluindo o modo como lidamos com esse contexto (CARDOSO, 2013, p. 61).

A autora argumenta que essas potencialidades podem ou não ser consumadas a partir das relações e das experiências vividas. As pessoas são parte de um universo e, como tal, são complementares, tornando, dessa maneira, as relações imprescindíveis para a nossa existência. O homem é uma totalidade que não pode ser considerada independente do ambiente no qual está inserido e das suas relações. Ele é um ser complexo, que se organiza a todo o momento de acordo com as suas necessidades. O indivíduo é modificado pelo ambiente e pelas relações, assim como ambos são modificados por ele a todo instante, em uma influência mútua. O ser humano se desenvolve na e a partir das relações, portanto, uma pessoa nunca para de se desenvolver e, em função da possibilidade de transformação acompanhada pela vida, ela nunca estará pronta de forma definitiva. Dentro do objetivo deste trabalho, é importante destacar que é no ambiente intrauterino que aquele novo ser humano estabelece a sua primeira relação, sendo o seu primeiro contato com a mãe.

Com o objetivo de fundamentar a concepção adotada neste trabalho sobre a construção do vínculo materno-infantil a partir da Gestalt-terapia, o presente capítulo busca apresentar, de



forma breve, os conceitos centrais da referida abordagem, pertinentes com o propósito deste texto.

### **3.1 Teoria Organísmica**

A Teoria Organísmica de Kurt Goldstein (1995) é uma referência teórica fundamental para Gestalt-terapia. Goldstein (1995) difundiu a concepção de que o organismo tende a se autorregular, pois possui capacidades naturais de lidar com as perturbações. Esse conceito está diretamente relacionado ao de “homeostase”, que é a manutenção do meio interno do organismo. Assim, o autor aplica esse conceito para a forma como o ser humano tende a manter o seu equilíbrio. Para ele, é a autorregulação que permite que uma pessoa satisfaça as suas necessidades e lide com as suas perturbações. Esse princípio homeostático promove todos os processos de busca de equilíbrio, tanto interno quanto externo.

Lima (2013) evidencia que a teoria permite uma alteração de paradigmas, ao trabalhar com a integração das diferentes dimensões humanas: física, emocional, cognitiva e espiritual. O ser humano, de maneira integrada e holística, ganha relevância para compreender o que é considerado saúde e doença. Uma perturbação de origem orgânica afeta o organismo como um todo e não a uma área específica. O homem não é a adição de diferentes partes isoladas, e, sim, um todo.

A partir desse conceito, podemos pensar que uma pessoa, diante de uma frustração, possui recursos próprios para se autorregular. Porém, diante da não-satisfação de uma necessidade de modo suficiente, podem surgir ajustamentos criativos que são definidos como a melhor maneira que ela encontrou para funcionar, são respostas para a não-satisfação de necessidades de forma ideal. A Gestalt-Terapia não utiliza o conceito de sintoma tradicional, como algo a ser eliminado, mas, como um ajustamento criativo. Lima (2013) aborda esse conceito ao afirmar:

(...) essa forma de ajuste, que visa à busca do equilíbrio entre aquilo que se deseja ou de que se precisa e as possibilidades existentes no meio, não é, de maneira alguma, um modo padronizado ou mecânico de buscar o equilíbrio. Pois, para que a autorregulação aconteça, é imprescindível que o ser humano conte com seu potencial criativo para inventar outros modos e ser um agente criador nesse processo interacional de ser alguém que habita e se realiza no mundo (LIMA, 2014, p. 92).

A relação do homem consigo mesmo e com o meio não é uma relação passiva, mas aponta para uma relação marcada pelas possibilidades da pessoa e do meio, tendo sempre em vista a melhor forma de ajustamento. O ser humano não é percebido a partir do dualismo mente

e corpo, mas como um ser total, inserido em um meio que possui outras totalidades que se relacionam e se organizam. A visão é integral e não fragmentada do homem.

Portanto, para a abordagem, a concepção de desenvolvimento também não é pautada por marcos de desenvolvimento normativos. Nesse sentido, Aguiar (2014) afirma que não se adota um viés biológico ou social, mas que o desenvolvimento é visto como um processo singular e infinito, é uma aquisição de potencialidades e habilidades ao longo do tempo. O encontro com o mundo estimula novas necessidades que perturbam o equilíbrio e permitem o desenvolvimento e o surgimento de novos ajustamentos criativos. Assim, não é possível avaliar um ser em aspectos isolados, pois a totalidade precisa ser considerada.

### **3.2 Teoria de Campo**

Kurt Lewin (1965) estruturou uma Teoria de Campo que inclui o campo e a totalidade de forças que podem influenciar no comportamento de uma pessoa em determinado tempo e lugar. Ribeiro (2009, p. 64) afirma que campo é “a totalidade dos fatos coexistentes, em dado momento, e concebido em termos de mútua interdependência, cuja significação depende da percepção dessa correlação entre sujeito e objeto”. A compreensão da relação das pessoas com o meio é imprescindível para explorarmos o sentido das ações, e os fatores envolvidos dentro de uma situação como um todo precisam ser considerados, com variáveis psicológicas e não-psicológicas.

Lewin ressalta a importância de considerar o que está acontecendo num campo vivencial no momento em que o comportamento analisado ocorre, ou seja, o comportamento passado só pode influenciar o comportamento presente por aspectos que tornam, no presente, tal influência possível. Dessa forma, o comportamento é resultante de um conjunto de fatores presentes no campo, com várias forças que atuam, compondo um sistema a ser descrito e analisável (RODRIGUES, 2014, p. 122).

O que ocorre em um campo precisa ser analisado a partir das interações, da forma como os diferentes aspectos se organizam. Não se deve olhar para os elementos de forma isolada: tudo está relacionado e se influenciando. Quando algum elemento é alterado dentro do campo, ele precisa se reconfigurar buscando uma nova unidade de sentido. Porém, o entendimento do campo não pode se restringir ao que ocorre no aqui e agora, no momento presente, pois o passado pode ser lembrado e revivido, e o futuro, antecipado. Portanto, é preciso lembrar que esses movimentos acontecem no presente, como é corroborado por Yontef (1998):

Na teoria de campo nenhuma ação ocorre a distância; isto é, o que afeta deve tocar o que é afetado no tempo e no espaço. Os Gestalt-terapeutas trabalham no aqui-e-agora,

e estão sensibilizados para como o aqui-e-agora inclui resíduos do passado, tais como postura corporal, hábitos e crenças (YONTEF, 1998, p. 17).

O tempo não é estático, portanto, o campo está sempre em movimento, é interativo e dinâmico. As lembranças podem ser convocadas constantemente, pois dizem de uma caminhada até o momento presente, e o futuro também pode ser antecipado, trazendo as possibilidades e as expectativas que são vislumbradas, desejadas e que só podem surgir no presente, já que não há outro tempo possível para emergirem.

O fluxo de horizontes e possibilidades evidencia a complexidade das relações presentes no campo e das mudanças que ocorrem com o passar do tempo, o que permite oportunidades de transformações e de reconfigurações do indivíduo. Nesse sentido, a Teoria de Campo dialoga com a visão de homem da Gestalt-terapia: uma pessoa está em constante processo de desenvolvimento e de mudanças, assim como o campo; são um constante vir a ser. E a ênfase está na observação, na descrição e na explicação do que se observa e não em especulações, interpretações e classificações, como Yontef (1998) evidenciou.

### 3.3 Contato

O homem, enquanto totalidade, está conectado com diversos aspectos do mundo e está inserido em um campo. Perls, Hefferline e Goodman, (1997 *apud* D'ACRI, 2013) evidenciam essas interações dentro do campo e, a partir disso, o conceito de contato emerge:

Com base nessa noção de campo, pode-se de início dizer que contato remete à ideia do organismo em um campo e às interações entre eles. Essas interações acontecem na fronteira de contato, isto é, onde ocorrem os eventos psicológicos, onde se distancia do perigo, transpõem-se os obstáculos, seleciona-se e assimila-se o que se requer para satisfazer uma necessidade ou fechar uma Gestalt, sendo, por isso, a fronteira de contato reconhecida como lugar de experiência. Nesse sentido, experiência é essencialmente contato (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997 *apud* D'ACRI, 2013, p. 33).

O encontro com o outro e com o meio permite que eu me experimente e me reconheça, pois, é através do contato que a vida acontece, que podemos satisfazer necessidades e nos reconhecermos enquanto seres individualizados e autênticos. Isso ocorre na fronteira do contato que permite movimentos de diferenciação com o meio, aproximação e retraimento. Durante o contato, o ser humano manipula o ambiente, podendo fazer escolhas e rejeitar o que não lhe parecer satisfatório. O mundo e o outro são percebidos à medida que o sujeito entra em contato com eles, e é dessa maneira que ele percebe e dá significado para a vivência. Além disso, o significado das experiências revela a elaboração das vivências anteriores, do modo como são experienciadas no momento presente: de acordo com a história de vida de cada um, das relações

e dos encontros precedentes, dos significados que as vivências foram ganhando ao longo do tempo.

As vivências podem facilitar a expressão das formas de existir da pessoa, promovendo contatos necessários ao reconhecimento de si e ao desenvolvimento das potencialidades, podendo ser um processo prazeroso, com consequências positivas. Porém, o outro e o ambiente também podem ser tão ameaçadores que o indivíduo estabelece muitos limites para eles, há um fechamento para o mundo e para o outro. E essa perspectiva temível leva o organismo a evitar a troca com o meio que promove mudança, ou seja, o contato. Ribeiro (2006) aborda as disfunções do contato:

As disfunções do contato, certamente, estão relacionadas com a questão de contatos plenos e/ou intensos e não saudáveis. Aqui entram os bloqueios do contato com ou entre essas diversas dimensões do ser humano. Esses bloqueios localizam-se na esfera da não-consciência, mas são vivenciados pelas pessoas na razão em que conseguem satisfazer suas necessidades, e na medida em que sua relação com o mundo exige delas respostas mais adequadas (RIBEIRO, 2006, p. 92).

O corpo é um importante instrumento para o contato, pois, é através dele que exploramos o meio. Durante a gestação, um corpo habita outro corpo, eles estão em contato direto, tornam-se unificados: o que a mãe sente e faz chega diretamente para o filho, estando ambos interligados por uma totalidade que é o corpo dela. Cabe ressaltar que cada pessoa vivencia esse momento da maneira que lhe é possível, assim como cada gravidez é singular. Quando ocorre a fecundação, a mulher experiencia muitas mudanças no seu organismo, e o embrião se abastece com o suprimento materno. O bebê inicia a sua vida a partir de uma relação de dependência total e, ao longo do seu desenvolvimento, caminha para a diferenciação e para a autonomia.

A relação com o outro é uma forma dialógica de desenvolvimento e crescimento pessoal, a atualização do que somos acontece na relação. Logo, os encontros possuem um potencial transformador inestimável. A existência do homem acontece enquanto ser-no-mundo, e é através das diferentes relações que somos provocados e modificados das mais diferentes maneiras. Portanto, cada pessoa se apresenta como um novo desafio e, por isso, também é sempre uma nova possibilidade. Como Perls, Hefferline e Goodman (1997) afirmam:

Todas as atividades de contatar o ambiente (ou ser contactado por ele) ocorrem ao longo de uma demarcação experiencial (e de modo algum necessariamente física) entre o que o organismo considera como sendo si próprio, o que já domesticou, por assim dizer, para seus propósitos, e o sertão, ainda desconhecido, que é a alteridade inexaurível do mundo (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 25).

#### 4 O VÍNCULO MATERNO-INFANTIL

Uma nova vida pode surgir em contextos distintos, assim como a diversidade presente no mundo. Não são todas as pessoas que seguem a história tradicional de se casar e, após alguns anos, planejarem a chegada dos filhos. Há mulheres que mantêm uma gestação de maneira “solo”, pois o pai pode não assumir o filho; este pode ser gerado em um primeiro encontro, em uma noite de curtição; os pais de uma criança podem não se gostar mais; a gravidez pode acontecer em um momento inesperado, de ascensão profissional ou mudança de emprego, por exemplo, dentre tantas outras situações. E, por outro lado, há pessoas que desejam muito um (a) filho (a), porém, engravidar se torna algo extremamente difícil e dispendioso. Independentemente do contexto, a partir da fecundação, uma nova configuração emerge no campo e novas exigências surgem. Como afirma Cardella (1994), o amor materno, a princípio, constitui-se em uma relação de desigualdade, em que um dá e o outro precisa receber. E é a partir dessa relação que o bebê experimenta amar e ser amado, como ilustra a autora:

Por ser a primeira relação de amor a ser estabelecida, a relação mãe-criança é, em geral, o primeiro campo de aprendizado para a criança sobre o amor. A partir dessa relação é que a criança desenvolverá suas atitudes, seus sentimentos e suas crenças na capacidade de ser amada e de amar (CARDELLA, 1994, p. 26).

O bebê é afetado pelos sentimentos e comportamentos da mãe, assim como a mãe é impactada de várias maneiras pela presença dele no seu útero. Ela afeta o seu meio, assim como este também interfere naquela e no seu filho. As conexões e as relações estão presentes no aqui e agora, em um sistema de influências mútuas e infindáveis. Aguiar (2014) afirma:

Essa pré-história da criança é tão importante quanto sua própria história relacional após o nascimento, pois percebemos que a forma como os adultos a recebem e encaminham sua interação com o mundo encontra-se mergulhada no contexto maior de sua história de vida e experiências familiares, influenciando sobremaneira a natureza das introjeções iniciais oferecidas a ela (AGUIAR, 2014, p. 68).

A relação desse novo ser com a mãe permite a construção da sua pré-história, como foi mencionado por Aguiar (2014). Quando a mãe passa por uma situação estressora, por exemplo, os neuro-hormônios são recebidos pelo filho através da corrente sanguínea, dessa forma, o feto vivencia as consequências da situação que ela experimentou. A mãe pode também se dirigir, ao longo dos meses, em diferentes momentos, ao feto, falando do seu dia a dia, conversando com ele sobre os preparativos para a sua chegada, fazendo carinho na barriga. E mudanças nele também a afetam, na maneira como ela percebe o seu corpo e na organização de novas

sensações, por exemplo. A vida de ambos é compartilhada, tanto em termos físicos quanto emocionais. Como salienta a Teoria Organísmica, o ser humano não é a integração de partes fragmentadas, e, sim, um todo. Uma perturbação na mãe ou no feto afeta a totalidade.

A constituição do mundo da criança se dá pela relação com a mãe, a relação nutre de sentido as possibilidades de mundo e os sistemas de regulação emocional já começam a se constituir antes do nascimento. E a mulher, nesse novo papel, pode sentir uma gama enorme de sentimentos. Ela se vê frente a um novo desafio e, nesse caso, há grandes dificuldades, e cada pessoa o enfrentará de forma diferente: algumas experimentam a esperança, outras a desesperança. É uma provocação desconhecida, assim como cada nova pessoa que conhecemos. A relação com o filho vai sendo construída, e as expectativas, os medos e as ansiedades podem estar presentes nessa fase de transição. Além disso, as mulheres podem enfrentar outros estresses em outras áreas da sua vida, como no trabalho.

No último trimestre de gestação, os neurônios do bebê estão começando a ser mielinizados, o que possibilita que as mensagens sejam transmitidas entre os neurônios com mais rapidez. Gerhardt (2017) levantou alguns estudos que mostram que, quando a mãe fica muito estressada nesse final de gestação, o seu bebê pode se tornar mais reativo e com maior dificuldade para lidar com o estresse e com novos estímulos. Atualmente, a mulher trabalha em estado de igualdade com os homens, e a mulher gestante não possui tratamento especial. Dessa forma, uma nova mãe precisa lidar com todas as suas obrigações anteriores e com as novidades de se encontrar gestando e nutrindo uma outra vida, além das mudanças emocionais. Muitas mulheres passam por longas horas de trabalho e recebem baixos salários, em um momento em que tanto o apoio emocional, quanto a estabilidade financeira se mostram extremamente relevantes para essa dualidade.

O bebê compartilha a vida emocional de sua mãe tanto antes, quanto após o nascimento, o que evidencia a importância desse período oculto de cada vida. Dias (2003), ao abordar esse estágio, afirma que:

O relacionamento peculiar com a mãe, na dependência absoluta dos estágios iniciais, fornece um padrão para as relações que o bebê venha a desenvolver com a realidade externa. É no interior desse relacionamento que está sendo construída a ilusão do contato com o mundo externo, a confiança de que a comunicação inter-humana é possível (DIAS, 2003, p. 130).

É um período de extrema exigência para essa mãe, pois a convida a perceber, a nomear e a satisfazer as necessidades de um outro ser através da relação mãe-bebê. Fernandes *et al.* (2006) reforçam que, durante a gravidez, a mãe é a intermediária entre as trocas entre o feto e

o mundo exterior tanto em níveis fisiológicos, quanto comportamentais. Porém, a adaptação materna para atender às demandas do filho é temporária. Após o nascimento e ao longo do seu desenvolvimento, ele próprio vai se tornando capaz de satisfazer as suas demandas, essa relação deixa de exigir tanto da mulher, ou de um outro ser para sobreviver e existir, como ilustra a letra da música “Criar” de Maria Rita:

Crescendo foi ganhando espaço  
 Pulou do meu braço  
 Nasceu outro dia  
 Já que ir pro chão  
 Já fala mãe, já fala pai  
 Já não suja na cama,  
 Não quer mais chupeta, já come feijão  
 E posso até ver os meus traços  
 Nos primeiros passos  
 Tropeça, seguro, e eu não deixo cair (CRIA, 2007).

O bebê humano não tem condições de sobreviver sozinho nos seus primeiros meses de vida: ele precisa ser cuidado pela mãe para que sobreviva ou de alguém que exerça a função materna e, mesmo com um corpo próprio, ele ainda não possui a sua individualização. Esse cuidado perpassa vários aspectos e não somente o físico: ela também precisa estar conectada emocionalmente com a sua prole, o bem-estar de ambos nessa relação fusional deve ser sempre almejado e o mal-estar investigado. As necessidades do bebê se confundem com as da mãe, por exemplo: quando ele está com fome, os seios da mãe se enchem de leite e precisam ser esvaziados. A mãe se incomoda com o barulho e com cheiros muito fortes. Fernandes *et al.* (2006) corroboram essa ideia, ao sustentarem que:

se o limite da mãe é suficientemente forte para filtrar e selecionar os estímulos que a afetam e, ao mesmo tempo, for suficientemente permeável para permitir que novos estímulos a afetem, o feto será então receptivo a novas situações que favoreçam seu crescimento, ao mesmo tempo em que estará protegido contra invasões de estímulos potencialmente tóxicos (FERNANDES *et al.*, 2006, p.102, tradução nossa).<sup>1</sup>

A fusão emocional é extremamente importante para esse novo ser, para que ele se sinta amparado e seguro no mundo. Andrade (2014) afirma que “o suporte é essencial para qualquer contato, e a sua falta desencadeia sentimentos e comportamentos disfuncionais, como ansiedade, vergonha, insegurança, rigidez, timidez, baixa autoestima e dependência do outro” (ANDRADE, 2014, p. 148). Se o bebê se sentir seguro frente às novas experiências, frente ao mundo, esse estado pode perdurar ao longo do seu amadurecimento, na forma do autossuporte,

---

<sup>1</sup> Tradução livre.

que é o sustento e o apoio que vem de si mesmo para a satisfação das suas necessidades. A referida autora, ao falar sobre o modo de ser autêntico e autônomo, propõe que a pessoa precisa “conhecer a si mesmo, acreditar em seu potencial e se apossar do que é seu, nunca esquecendo de que também existem recursos externos e de que pode usá-los, desde que necessário e/ou desejado” (ANDRADE, 2014, p. 150).

Dentro do útero, o feto recebe todos os nutrientes necessários para a sua sobrevivência. Após o nascimento, ele deve buscar o seu alimento e o oxigênio para respirar, portanto, começa a mobilizar os seus próprios recursos. Esse também é um cenário que exemplifica o processo de movimento entre o heterossuporte e o autossuporte. Além disso, o bebê encontra dentro do útero um completo conforto e segurança; após a sua saída, ele também buscará conforto e segurança nos braços maternos.

Os recursos externos são o heterossuporte, que são aqueles disponíveis no campo para que o sujeito encontre a base de que necessita naquele momento, é o apoio ambiental. O recém-nascido necessita do heterossuporte da mãe para sobreviver e, com o passar dos anos, ele reduz suas dependências externas e vai utilizando o seu próprio potencial. Isso ilustra o processo de crescimento do bebê e as possibilidades de expressões do amor materno quando ele não necessita de cuidados tão intensivos para viver. A mãe pode enfrentar desafios nessa nova fase, pois ela vai liberando o filho para o mundo, sem considerar que ele é seu, como uma posse.

O que diferencia o amor materno da possessividade é a capacidade que a mãe tem de ajudar o filho a separar-se dela; ajuda-o a crescer, a tornar-se independente, a realizar as próprias escolhas e ser capaz de amar e se entregar a outros seres humanos, além de si mesma (CARDELLA, 1994, p. 26).

O processo de desenvolvimento ocorre de forma gradual, a separação física e emocional da mãe ocorre aos poucos, e esse novo ser vai se constituindo como indivíduo. Dessa forma, ele vai necessitando menos do apoio ambiental e contando com o autoapoio. Quando o vínculo é seguro, o bebê provavelmente desenvolverá a sua autonomia e o seu mundo afetivo com mais tranquilidade. Giovanetti (2015) afirma que a afetividade dá o colorido da nossa vida psíquica e a tonalidade da nossa existência, sendo, portanto, o aspecto que nos permite sentir a vida de forma diferenciada. Se vivêssemos sem afetos, todas as pessoas seriam iguais. Os significados que damos aos acontecimentos, às pessoas e aos objetos estão diretamente relacionados à nossa afetividade, o que pode ser ilustrado a partir da maneira como cada mulher vai vivenciar uma gravidez.

Podemos perceber que tanto o vínculo, como a vida afetiva de cada pessoa se estruturam a partir da ressonância do mundo em nós. O mundo afetivo do bebê é construído a partir das



ressonâncias da sua relação com a sua mãe. Dessa maneira, essa interação primordial pode ser um importante indicativo da dimensão afetiva na vida das pessoas, pois é a experiência básica para o desenvolvimento da vida emocional. Portanto, a confiança na pessoa que exerce esse cuidado no início da vida é fundamental para que o bebê se desenvolva com segurança e possa construir a sua autonomia. Jabour e Giovanetti (2019) abordam a importância desse período, ao sustentarem que:

Considerar a dimensão afetiva da existência articulando com as primeiras experiências da vida, chama-nos a atenção para o imensurável impacto que essas experiências têm na estruturação psíquica e afetiva do indivíduo. Visto que é a partir da relação com a mãe que o bebê estrutura toda a sua base psíquica, corpórea, relacional e espiritual, levando em consideração todas as demais dimensões humanas (JABOUR; GIOVANETTI, 2019, p. 26).

O contato é um dos conceitos básicos da Gestalt-Terapia, porém, cada autor subdivide o ciclo de contato de uma maneira. A relação materno-infantil, assim como toda relação, possui momentos de abertura e momentos de retração para o contato com o outro. A depressão pós-parto, por exemplo, pode caracterizar um momento de adoecimento materno, fazendo com que comprometa a abertura da mãe em relação ao filho e, em consequência, afetar a construção do vínculo entre eles. Em relações disfuncionais, por exemplo, podem ocorrer interrupções, bloqueios ou qualquer perturbação no ciclo de contato.

A mãe precisa identificar as necessidades do filho e as suas. Em um primeiro momento, ambos permanecem em um estado de confluência no qual é possível identificar o “nós” e não duas existências isoladas. A relação é de dependência e, nesse primeiro momento, a confluência é imprescindível para posteriormente ocorrer a diferenciação entre eles. Porém, a mãe precisa estar saudável e bem para que ela possa se abrir de forma livre e espontânea para o contato com o ser gerado, pois o vínculo afetivo de qualidade e positivo permite existências saudáveis. Como salienta Stern (2002):

A primeira exposição da criança ao mundo humano consiste simplesmente no que sua mãe realmente faz com o rosto, voz, corpo e mãos. O fluxo contínuo de seus atos permite que emergam experiências de comunicação e relacionamento humano no bebê. Essa coreografia de comportamentos maternos é a matéria-prima do mundo exterior com a qual a criança começará a construir seu conhecimento e experiência de todas as coisas humanas: a presença humana; o rosto e a voz humana, suas formas e mudanças que compõem expressões; as unidades e significado de comportamentos humanos; a relação entre seu próprio comportamento e o de outra pessoa (STERN, 2002, p. 23, tradução nossa).<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Tradução livre.

Ao falar da relação materno-infantil, também fica evidente a relevância de reflexões sobre como estão os relacionamentos com as crianças e, muitas vezes, as percepções e vivências delas são negadas e negligenciadas. Os significados que damos aos acontecimentos, às pessoas e aos objetos estão diretamente relacionados à nossa afetividade, como Giovanetti (2015) afirma. Ajudar a criança a reconhecer os seus sentimentos e a trabalhá-los é muito importante. Pais negando os sentimentos dos seus filhos é uma experiência muito comum, por exemplo, quando um irmão sente raiva do outro e os pais afirmam que ele não pode sentir raiva, pois é o seu irmão. A raiva pode surgir entre irmãos e é algo natural.

Quando o mundo externo é hostil para a criança, ela convoca mais a presença dos pais, pedindo amparo emocional, pois o sentimento de impotência e desamparo são muito comuns em momentos em que ela se vê indefesa. Assim, o medo é um sentimento vivenciado na tenra infância com muita frequência. Nesse sentido, o cuidado, a presença, o amparo e a disponibilidade emocional são exigidos desde o nascimento, e cada adulto fará o que der conta, oferecerá à criança o que tiver para oferecer em termos de amparo emocional. Yontef (1998) afirma que “a confirmação aceita a pessoa como ela é e também confirma seu potencial vital e de crescimento. A pessoa se manifesta em um dado momento de certa forma, mas essa não é a única manifestação possível de seu ser” (YONTEF, 1998, p. 210).

Portanto, os pais e a família podem prover a criança de confirmações na infância que vão ajudá-la a construir uma autoestima elevada e possibilitar que ela lide melhor com as suas necessidades em harmonia com as exigências do meio. A confirmação está muito presente nos relacionamentos e é muito significativa para o desenvolvimento e estabelecimento de formas saudáveis de contato com o mundo e consigo mesmo. É extremamente relevante que o contexto familiar confirme a existência da criança como um todo, acolhendo os sentimentos e as necessidades, inclusive as que não são agradáveis para os pais, uma vez que confirmar não significa permitir tudo, e, sim, validar e olhar para os sentimentos e necessidades que emergem, pois, esse processo também permite a diferenciação do outro à medida que confirma as singularidades de cada um. Aguiar (2014) ilustra o processo de confirmação:

um exemplo típico é a forma como as famílias costumam lidar com a raiva. Não é comum conhecermos pais que achem maravilhoso defrontar-se com sentimentos de raiva do filho. Em geral, as crianças aprendem desde muito cedo que esse não é um sentimento válido, que não é algo que se deva mostrar, que quando expresso pode causar muitos danos e, sobretudo, pode fazê-la perder a aprovação e o amor dos adultos. No entanto, dentro da perspectiva da confirmação, esse é um sentimento como qualquer outro, e sua existência e validade precisam ser confirmadas. A criança precisa saber que a raiva é sentida por todos, fazendo parte do repertório mais amplo dos sentimentos humanos, e que sua existência não exclui seu sentimento de amor pelas mesmas pessoas das quais tem raiva. E, principalmente, não faz que elas não a

amem mais. Isso é fundamental para que a criança não precise suprimir tal sentimento de seu repertório em prol da aceitação do outro e, com isso, necessite realizar ajustamentos criativos disfuncionais que impedirão o desenrolar satisfatório do curso de seu desenvolvimento e de sua interação com o mundo (AGUIAR, 2014, p. 91).

A família é o primeiro contexto em que as crianças podem explorar e desenvolver as suas habilidades relacionais e, a forma como isso ocorre, está diretamente relacionada com as habilidades relacionais dos outros membros da família. “Na vida, necessitamos de contato para sobreviver. Estamos sempre em contato com o meio, seja para realização de nossas necessidades fisiológicas, seja para a satisfação de nossas necessidades emocionais” (SCHILLINGS, 2014, p. 193). Ao longo da vida, em diferentes fases, faz-se necessário lidar com as exigências e com as possibilidades, buscando solucionar as dificuldades com ações viáveis e, para que isso ocorra, é importante que o indivíduo faça ajustamentos satisfatórios com base no seu conhecimento de si mesmo e no seu repertório de vida. O mundo e as nossas relações nos tocam o tempo todo, portanto, olhar para as relações e para as necessidades de cada ser humano é essencial, como aponta Cardella (2009):

Ao longo da vida, desenvolvemo-nos pela experiência do contato com o diferente, contato que, quando saudável e profícuo, possibilita nossa realização como seres únicos e singulares, além de instaurar em nós essa mesma abertura em relação aos demais, ou seja, reconhecê-los, honrá-los e respeitá-los como seres que nos escapam e têm existência própria (CARDELLA, 2009, p. 26).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos iniciam a vida vivenciando a relação materna-infantil, alguns podem experimentar essa relação de forma duradoura, outros de forma breve e fugaz e, em algumas circunstâncias, essa relação precisa ser interrompida. Logo, a relação materno-infantil pode promover a satisfação das necessidades de ambos de forma saudável ou a não-satisfação de forma ideal. A partir da não-satisfação de modo suficiente, podem emergir ajustamentos criativos que estarão presentes na forma como esse novo ser se relaciona com o mundo e com as pessoas.

Os aspectos conceituais da Gestalt-terapia auxiliaram na compreensão da importância da relação mãe-bebê na constituição do ser. Como foi ressaltado ao longo do texto, os relacionamentos são as principais ferramentas de crescimento e de desenvolvimento para as pessoas. O ser humano é dotado de infinitas potencialidades e elas podem ser consumadas a partir das relações que são vivenciadas. O contato com o outro permite mudanças, e o reconhecimento do outro e de mim. Porém, ele pode facilitar formas de expressões mais autênticas e livres ou pode ser ameaçador, repleto de limites e fechamentos. O contato inicial da mãe com o filho vai fornecendo informações, para esse novo ser, de como é o mundo externo e de como é o relacionamento entre humanos, dessa forma, vai-se delimitando, ao longo do tempo, padrões que podem apresentar interrupções no processo ou fluidez, o que impacta significativamente na vida afetiva desse ser.

Portanto, o vínculo afetivo que foi vivenciado com a sua mãe ou com a pessoa que assumiu esse cuidado essencial contribui para a qualidade da dimensão afetiva na vida do indivíduo. E a segurança, o amor e o cuidado intenso são fundamentais para o desenvolvimento do bebê, para o desenvolvimento da sua autonomia e da sua construção enquanto pessoa, visto que, é a partir dessa relação, que se estrutura a sua base psíquica, relacional e outras dimensões humanas. No primeiro ano de vida, o cérebro e o corpo estão se desenvolvendo, o bebê começa a perceber o meio à sua volta, recebe estímulos, cresce, desenvolve novas habilidades e, ao longo deste trabalho, foi possível observar, também, que esse período é extremamente importante para o desenvolvimento emocional do indivíduo.

Além disso, a saúde emocional da mulher é muito relevante nessa fase, pois, se ela não estiver preparada para vivenciar essa relação, ela pode ter uma ressonância subjetiva negativa para ambos, que pode se estender ao longo da vida e do desenvolvimento de existências livres e saudáveis. Logo, fica evidente a importância do cuidado e da atenção com a mãe, com as mulheres e com a maternidade, pois esse cuidado pode permitir contatos que promovam

vivências mais prazerosas, saudáveis e com consequências positivas nesse estágio da vida. A postura do Gestalt-terapeuta, no seu contexto de atuação, pode facilitar a expressão das formas de existir da mulher, promovendo contatos necessários ao reconhecimento de si e ao desenvolvimento do seu autossuporte, facilitando a integração dos diversos aspectos de si mesma e de sua ligação com o seu filho. Além disso, as pessoas possuem a necessidade de se sentirem aceitas como são: trata-se da confirmação da sua totalidade, e a psicoterapia também pode promover essa confirmação. Isso contribui para que o indivíduo desenvolva autoestima, segurança e disponibilidade para se relacionar. O campo de uma psicoterapia é propiciador de encontros transformadores.

A existência é um fluxo contínuo de transformações e crescimento que surge a partir do contato no campo. Totalidades orgânicas compõem com o ambiente um campo, assim, as existências se fazem e refazem. Mãe e filho estão em contínuo movimento dentro de um campo que permite novas configurações, significados e sentidos relacionados consigo mesmo e com o mundo. A partir dessa relação, a criança desenvolverá suas atitudes, seus sentimentos e suas crenças em relação às suas potencialidades e em relação ao mundo. Em contrapartida, a mãe se encontra em um momento de transformação, está desenvolvendo uma nova função, uma nova identidade, o que pode lhe fazer questionar os caminhos escolhidos ao longo da vida e refletir sobre o que almeja.

Ao longo deste estudo, foram levantadas questões com o objetivo de contribuir para a compreensão e a reflexão sobre o impacto da relação materna-infantil nos sujeitos e na construção da dimensão afetiva, ressaltando a sua grande importância. Além de contextualizar a maternidade no mundo atual e chamar atenção para a mulher, já que, ao longo do tempo, o papel da mulher dentro da sociedade foi se modificando. Porém, as questões apresentadas não esgotam o tema, abrem espaço para outros tipos de questionamentos dentro dessa temática, que merecem atenção nas pesquisas dentro da abordagem da Gestalt-Terapia. Há de se vislumbrar, por exemplo, o papel do pai dentro dessa relação, qual o impacto da ausência da figura materna e da paterna e como a paternidade tem sido vivenciada atualmente. Além disso, o nascimento marca o primeiro contato direto com o mundo externo, o que nos convida a pensar nos processos do nascimento, de como a sociedade está recebendo as novas vidas e quais as mensagens que são passadas desde o nascimento.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- ALVIN, M. B. Awareness: experiência e saber da experiência. *In*: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima (org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.
- ANDRADE, C. C. Autossuporte e heterossuporte. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.
- BADINTER, E. **O conflito**. A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BRANDÃO, C. L. Reflexões sobre um corpo mãe: Entrelaçamentos da maternidade e da Adoção. *In*: MENDONÇA; B. I. de O.; BRITO; M. A. Q. (Org.). **Ensaaios em Gestalt-Terapia: Percursos Autobiográficos**. Salvador: EDUFBA, 2019.
- CARDELLA, M. H. P. **Laços e Nós**. Amor e intimidade nas relações humanas. São Paulo: Ágora, 2009.
- CARDELLA, M. H. P. **O amor na relação terapêutica**. Uma visão gestáltica. São Paulo: Summus, 1994.
- CARDOSO, C. L. A face existencial da Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.
- CASTELLO, L. do N.; MORAES, K. F. B. O estabelecimento do contato afetivo durante a gestação, sob a perspectiva da Gestalt- Terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 6, n. 10, p. 144-169, 2009. Disponível em: <<https://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=253&layout=html>>. Acesso em: 29 nov. 2019.
- CRIA. Intérprete: Maria Rita. Compositor: BELIENY, C.; MERITI, S. *In*: SAMBA Meu. Intérprete: Maria Rita. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2007. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/maria-rita/1083245/>>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- D'ACRI, G. C de M. R. Contato: funções, fases e ciclo de contato. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.
- DIAS, E. O. **A Teoria do Amadurecimento de D.W Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago. 2003.

DICKESTEINS, J.; MALDONADO, M. T.; NAHEUM, J. C. **Nós estamos grávidos**. São Paulo: Saraiva, 1985.

FERNANDES, M. B *et al.* The Development of the Baby and Gestalt Therapy. **Gestalt Review**, v. 10, n. 2, p. 98-109, 2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/289381712/The-Development-of-the-Baby-and-Gestalt-Therapy>>. Acesso em: 2 maio. 2020.

FRAZÃO, L.; FUKUMITSU, K. (Org.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014.

FRAZÃO, L.; FUKUMITSU, K. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

GERHARDT, S. **Por que o amor é importante**. Como o afeto molda o cérebro do bebê. São Paulo: Artmed, 2017.

GINGER, S.; GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1987.

GIOVANETTI, J. P. Afetividade e Existência. *In*: III Congresso Internacional de Psicologia Existencial – V Congresso Brasileiro de Psicologia Existencial, 2015, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: FEAD, 2015.

GOLDSTEIN, K. **The organism: a holistic approach to biology derived from pathological data in man**. Prefácio de Oliver Sacks. Nova York: Zone Brooks, 1995.

JABOUR, M. E. S.; GIOVANETTI, J. P. O Impacto da relação mãe-bebê na construção do vínculo afetivo. **Revista Eletrônica Com-Textos em Análise Existencial**, Belo Horizonte, v. 1, 2019, p. 16-39. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/cepc/wp-content/uploads/2019/09/Com-textos-em-analise-existencial-1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

LEMOS, R. F. **As Várias Faces da Mãe Contemporânea**. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

LEMOS, R. F.; KIND, L. Mulheres e maternidade: faces possíveis. Rio de Janeiro, **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 840-859, dez. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812017000300003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000300003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 mar. 2020.

LEWIN, K. **Teoria de Campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.

LIMA, P. V. A. A Gestalt-terapia holística, organísmica e ecológica. *In*: FRAZÃO; L. M.; FUKUMITSU; K. O. (Org.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

PERLS, F.S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, F.S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-therapy**: excitement and growth in the human personality. 22. ed. Nova York: Dell, 1951.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-Terapia de curta duração**. 3 ed. São Paulo: Summus, 2009.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato**: Temas básicos na abordagem gestáltica. 7. ed. São Paulo: Summus, 2017.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**. Conceitos Básicos. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

RODRIGUES, H. E. Relações entre a teoria de campo de Kurt Lewin e a Gestalt- terapia. *In*: FRAZÃO; L. M.; FUKUMITSU; K. O. (Org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014.

SCHILLINGS, A. Concepções de neurose em Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (Org.). **Gestalt-terapia**: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014.

STERN, D. N. **The First Relationship Infant and Mother**. Cambridge, Massachusetts, London: Harvard University Press, 2002. Disponível em: <[https://www.academia.edu/8767540/\\_Daniel\\_N.\\_Stern\\_The\\_First\\_Relationship\\_Infant\\_a\\_Book\\_Fi\\_org\\_](https://www.academia.edu/8767540/_Daniel_N._Stern_The_First_Relationship_Infant_a_Book_Fi_org_)>. Acesso em: 2 maio. 2020.

WILHEIM, J. **O que é psicologia pré-natal?** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

YONTEF, G. M. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em gestalt-terapia. 3.ed. São Paulo: Summus, 1998.